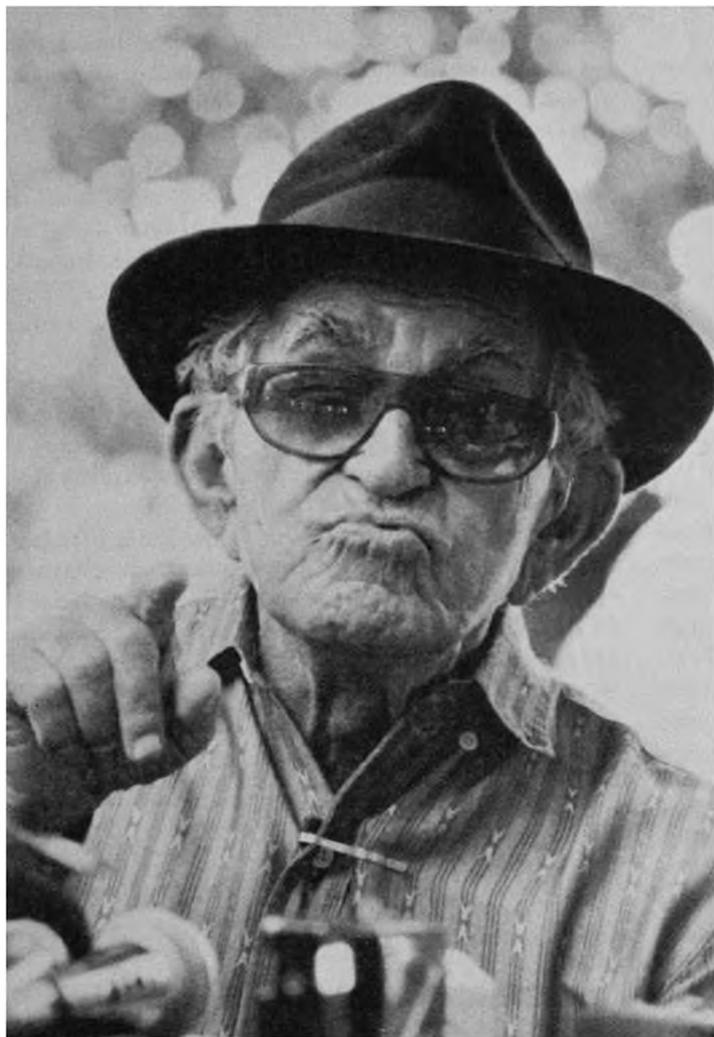


# Patativa é ave, homem e poesia



*A escola ensinou-lhe o alfabeto mas a leitura cuidou de moldar a rudeza do homem. Autodidata, Patativa domina a métrica de Camões.*

pertar no homem um interesse pelo social. “É porque a gente silenciando fica pior, né?”

Silêncio mesmo, só com relação aos poemas eróticos. Embora nunca tenha publicado nada a respeito, o poeta das injustiças sociais e belezas do Sertão, também traz no sangue a virilidade do homem do campo. “Mas não gosto. Não é do meu eu.” De qualquer forma, são muitos os temas. Na mente, ficam todos os poemas: mais de mil. Uma memória que teima em ficar de pé, quando o tempo já deixa marcas feridas nos olhos, ouvidos e corpo do poeta. O canto do Patativa tenta cumprir sua missão. “Nunca mudei meus planos/ eu tô na mesma atitude/ sempre poeta do povo...”

O povo agradece. O poeta teve sua obra registrada em livros, mas só depois da insistência de amigos e literatos. Já foram lançados: “Inspiração Nordestina” (1956), “Cantos do Patativa” (1966), “Patativa do Assaré” (1970), “Cante Lá que Eu Canto Cá” (1977) e “Ispinho e Fulô” (1988). Seus versos podem ser ouvidos também na música, pela voz de Luís Gonzaga, Fagner e outros cantores. E já virou tese acadêmica na Sorbonne e em Liverpool.

Como todo bom poeta, Patativa também tem a sua musa. Ela é d. Belinha, a dama de um casamento de mais de 50 anos, sete filhos e um carinho tão intenso quanto os versos dele. Sempre se conheceram e quando chegou o momento de casar, foi a “escolhida”. “Eu gostava dela porque não era namorada.” As filhas - Inês, Lúcia e Miriam - são a felicidade do casal. “Três anjos.” O canto do Patativa fazia adormecer as meninas. “Já que cada uma, com fervor venero/ fico confuso sem saber das três/ qual a mais linda/ e qual a mais eu quero.”

Deus, na visão do poeta, é uma fonte que todos precisam. “Todas as religiões são boas.” Só que não revela a sua. Revelou outras coisas nesta entrevista com os estudantes de Comunicação Social, que terminou quando ele já demonstrava cansaço. Patativa respondeu a tudo da forma que mais gosta: em versos. Fez um pouco mais: cantou. O canto das patativas.

**Entrevista com o poeta popular Patativa do Assaré dia 03/06/93.**

**Produção:** Kalu Chaves, Adriana Albuquerque e Michelle Feitosa

**Abertura:**

Ana Cláudia Peres

**Redação, edição e texto final:** Kalu Chaves e Adriana

Albuquerque

**Participação:** Adriana

Albuquerque, Ana

Cláudia Peres, André

Barbosa, Fernando

Serpa, Gabriela Frota

Reinaldo, Henrique

Rocha, Kalu Chaves,

Lídia Marôpo, Lyciane

Pires, Michelle

Feitosa, Ricardo César

Pinto, Sílvia Helena e

Sônia Vitorino

**Foto:** Jarbas Oliveira

O canto das patativas toca fundo o coração do homem. Mas é na voz do homem que a poesia se faz ave, ganha asa concreta e voa incansável, cada vez mais alto. Antônio Gonçalves da Silva, aos 84 anos, é ave, homem e poesia que se encontram numa só figura: o Patativa do Assaré. Seus versos são puros, têm a cara do povo e falam, como poucos, do “Caboclo Rocciro”, da “Vida Sertaneja” e da “Seca D’água”, num verdadeiro “Retrato do Sertão”.

Escolha própria. Opção de quem, cedo ainda, lia Camões, Castro Alves, as pregações de Jesus Cristo e cordéis. Mesmo sem estudar - apenas alguns meses de escola -, aprendeu a ler e escrever. Agricultor na Serra de Santana - a 18 quilômetros da sede do município de Assaré, interior do Ceará -, usava as horas de folga e trocava as de sono por viagens entre páginas de poesia. “Aí, com essa leitura constante, foi que eu pude obter vocabulário conforme eu possa reproduzir aquilo que eu quero: tanto na poesia matuta, quanto na linguagem certa”. O canto do Patativa procura des-



Ao ser convidado para participar da revista "Entrevista", pelo telefone, Patativa perguntou: "Vocês não podem vir aqui, não?"

Na escolha dos entrevistados, Patativa foi o mais votado. Mas a saúde frágil do poeta quase nos priva do prazer desta conversa.

Nos primeiros contatos para a realização da entrevista, Patativa perguntou se poderia ver-se. E tivemos um belo recital.

**Laboratório de Jornalismo (LJ) -** *Agente queria começar a entrevista tirando uma dúvida. Quanto tempo afinal o senhor passou na escola?*

**Patativa do Assaré (PA) -** Quanto tempo?

**LJ - Sim.**

**PA -** Não, eu não tive escola não. Passei uns meses de escola. Aprendi a ler e escrever. Sem ortografia, sem nada, viu? Depois eu, sozinho, foi que... Eu mesmo não estudei, mas li muito. Fui um camarada agricultor. Quando eu chegava da roça, eu ia ler. Ao meio-dia, eu lia até a hora de ir pra roça. À noite, enquanto eu não pegava no sono, eu tava lendo com a lamparina de gás. Ai, com essa leitura constante, foi que eu pude obter vocabulário conforme eu possa reproduzir em versos tudo aquilo que eu quero: tanto na poesia matuta, quanto em linguagem certa. Que muita gente acha que o Patativa não conhece a versificação. Eu conheço a versificação de Olavo Bilac e Guimarães Fausto. Todas as suas rimas predominantes, suas tônicas. Eu conheço todas. Eu faço versos da forma que eu quero. Como estes daqui: O que mais dói: "O que mais dói não é sofrer saudade/ Do amor querido que se encontra ausente./ Nem a lembrança que o coração sente/Dos belos sonhos da primeira idade./ Não é também a dura crueldade/ Do falso amigo quando engana a gente./ Nem os martírios de uma dor latente./ Quando a moléstia o nosso corpo invade./ O que mais dói e o peito nos oprime/ E nos revolta mais que o próprio crime./ Não é perder da posição um grau./ É ver os votos de um País inteiro/ Desde o pracião ao camponês roceiro/ Para eleger um presidente mau." É o que mais dói, viu?

"A primeira vez que eu vim ler um livro de cordel, um folheto de cordel, eu tinha de oito pra dez anos. Eu fiquei maravilhado"

**LJ -** Você morava na Serra de

*Santana, a 18km de Assaré. Quem foi que lhe incentivou a ler?*

**PA -** É porque realmente me ofereciam, né? Corria muito a notícia da minha inteligência. Segundo falam, que eu sou inteligente e não sei quê. É muito ligado à leitura. Ai me faziam presente de livro. E ninguém aprende a ser poeta, não é? A poesia é um dom natural. A pessoa já nasce com aquela tendência de... A primeira vez que eu vim ler um livro de cordel, um folheto de cordel, eu tinha de oito pra dez anos. Eu fiquei maravilhado com aquela leitura. Tudo bonito, aquelas rimas e tal. Ai eu comecei a fazer versos desde muito novo. Logo eu sou diferente dos outros poetas. Os outros poetas fazem poesia mesmo escrevendo. Eu não. Minha poesia eu escrevo mesmo na mente. Eu faço a primeira estrofe, fica gravado. Faço a segunda estrofe, gravo lá. Nem que seja um poema de trinta estrofes, eu gravo tudo, viu? Eu faço assim no meu trabalho de roça - eu fui agricultor lá na minha roça. Se não tivesse trabalhador pra conversar comigo, eu estava fazendo versos, criando poemas, falando sobre a vida do povo, como fiz aquela "Triste Partida". Foi um dos maiores sucessos de Luis Gonzaga, não é? E assim por diante, fiz a poesia cabocla. E também cantando, mostrando o que é que eu conto, o que eu admiro.

"Eu nunca tive a poesia como um comércio. Tive como um passatempo na minha vida. Distração, fazer versos, cantar a vida do povo"

**LJ -** Por quê é que no começo você não escrevia os versos? Você só fazia gravá-los na cabeça?

**PA -** Porque eu tinha preguiça. EU só botava no papel quando estava a ponto de publicar, não é? Ai quando tinha uma farta bagagem apareceu um interessado. Tenho livros publicado na editora Vozes. Ela mesmo é quem faz o comércio. É

quem vende. Eu nunca tive a poesia como um comércio. Tive como um passatempo da minha vida, não é? Distração, fazer versos, cantar a vida do povo. "Sou matuto do Nordeste/ Criado dentro da mata/ Caboclo, cabra da peste/ Poeta cabeça chata/ Por ser poeta roceiro/ Eu sempre fui companheiro/ Da dor, da mágoa, do pranto/ Por isso, por minha vez, vou falar para vocês/ O que é que eu sou/ O que eu canto/ Sou poeta agricultor/ Do interior do Ceará/ A desdita, o pranto e a dor/ canto aqui, canto acolá/ Sou amigo do operário/ Que ganha um pobre salário/ E do mendigo indigente/ E canto com emoção/ O meu querido sertão..."

**LJ -** Você fala muito nas injustiças, faz denúncias. Você acha que seu canto ajuda na luta dos injustiçados?

**PA -** É sim. É, eu falo sempre. Esse poema aqui está mostrando, não é? É um poema social. Eu faço outros versinhos contra injustiças.

"Eu sou um poeta que eu canto tudo. Eu tenho versos de todos os temas, viu? Agora, o meu tema principal é esse, falar do meu povo"

**LJ -** Além de cantar as belezas do sertão e as injustiças da vida do homem sertanejo, você tem poemas eróticos. Você enveredou por esse lado? Fale alguma coisa pra gente sobre esse lado da sua obra.

**PA -** Você diz poema pornografia?

**LJ -** (Risos) Não, não. Não é o que se chama de poema pornográfico. Mas eu li outro dia que o senhor tem alguns poemas eróticos.

**PA -** Sim, tenho. Eu não gosto, viu? Eu tenho mesmo, mas não assim. Eu não gosto. Não é do meu eu, viu? Quem foi que lhe disse?

**LJ -** Eu li num prefácio de um livro. Acho que foi no livro "Balseiro".

**PA -** Eu nunca publiquei nada.



Com seu andar de passos pequenos, Patativa chegou de óculos escuros, calça de tergal bege-clara e uma camisa rosa listrada.

Antes de sentar para o bate-papo com os alunos de Comunicação, Patativa do Assaré deu uma entrevista para um repórter da TVC.

A entrevista foi filmada na íntegra, em U-Matic, pelo cineasta Rosemberg Cariry, que cedeu uma cópia ao Curso de Comunicação.

“A diferença que o poeta tem do versejador é essa, Porque o poeta, assim como eu, eu crio. Eu faço é criar na minha imaginação”

**LJ** - Não, eu li alguma coisa que falava que o senhor tinha, mas não publicava. O senhor não gosta de falar desse lado de sua obra?

**PA** - É, eu tenho. É porque não é do meu eu, não. Não é do meu eu, não. Eu faço para satisfazer assim, porque eu sou um poeta que eu canto tudo. Eu tenho versos de todos os temas, viu? Agora o meu tema principal é esse, falar do meu povo, não é? Esse poema que eu tenho: “Eu Quero”. Eu quero e todos nós queremos. “Quero um chefe brasileiro/ Fiel, firme e justiceiro/ Capaz de nos proteger./ Que do campo até a rua/ O povo todo possui/ O direito de viver./ Quero paz e liberdade./ sossego e fraternidade/ Na nossa Pátria natal/ Desde a cidade ao deserto./ Quero o operário liberto/ da exploração patronal/ Quero ver do Sul ao Norte/ O nosso caboclo forte/ Trocar a casa de palha/ Por confortável guarida./ Quero a terra dividida/ para quem nela trabalha./ Eu quero o agregado isento/ do terrível sofrimento./ do maldito cativoeiro./ Rico, ditoso e feliz./ Livre do jugo estrangeiro./ A bem do nosso progresso./ Quero apoio do Congresso/ Sobre uma Reforma Agrária/ Que venha por sua vez/ Libertar o camponês/ da situação precária/ Finalmente, meus senhores./ Quero ouvir entre os primores/ debaixo do céu de anil./ As mais sonoras notas/ Dos cantos dos patriotas/ Cantando a paz do Brasil.” Eu quero e todos nós queremos, não é?

**LJ** - Patativa, no seu livro “Balseiro”, publicado em 1991, há espaço para outros poetas da terra de Assaré. Como é que surgiu essa idéia?

**PA** - É, foi a curiosidade de mostrar que o Assaré tem muito versejador. Tem o Patativa, que segue assim,

vamos dizer, na frente. Mas tem alguns seguidores. Então, surgiu aquele livro. Porque lá no interior, balseiro é o agrupamento de garrão porque quando a água vem levando assim, fazendo aquela erosão. Aquele monte de entulhos. Ai, lá no interior, a gente chama isso de balseiro. “É um balseiro danado!” E ali, como estão os poetas, a gente chama de balseiro. Balseiro é o conjunto dos poetas que têm naquele livro de poesia, viu?

**LJ** - Tem muitos bons poetas lá?

**PA** - Não, tem versejadores, viu? Porque o poeta mesmo, na modéstia parte, é o Patativa, que é o criador das coisas, não é? Então, versejador... Vira um caminhão acolá, mata dez, quinze. Eles viram e bom versejador contando aquilo que passou. Agora, o Patativa faz é criar na mente um quadro e, ai, retrata. A diferença que o poeta tem do versejador é essa, porque o poeta assim como eu, modéstia à parte, eu crio. Agora, a bem da verdade, eu faço é criar na minha imaginação. Ai eu vou contar em versos aquilo que eu quero.

**LJ** - Você faz verso por encomenda?

**PA** - Não, eu quase nunca faço verso por encomenda. O verso que já fiz por encomenda foi “Seca d’água”. Telefonaram do Rio de Janeiro, naquele tempo, na enchente de 85. E aqueles grandes artistas que fizeram uma campanha em favor dos flagelados da enchente, ai telefonaram para que eu fizesse a letra. Telefonaram lá para o Assaré. Ai eu fiz aquela letra. Mas eu não gosto de fazer versos por encomenda, não. Porque eu tenho assim, eu sou muito tímido, poderá a pessoa não gostar, mas se pedirem, eu faço. Naquele tempo eu fiz, que era aquele. Todos ficaram conhecendo “Seca D’água”, não é? É aquele versinho que diz: “É triste para o Nordeste/ o que a natureza fez/ mandou 5 anos de seca./ Uma chuva em cada mês/ E agora em 85/ Mandou tudo de uma vez/ A sorte do nordestino/ É mesmo de fazer dó./ Seca sem chuva é ruim/ Mas seca d’água é pior” Ai foi gravado por muitos artistas, viu? Até Gilberto Gil. A voz dele também tá ali. Milton Nascimento, Luis Gonzaga, Bete Carvalho, aquela paraibana famosa...

**LJ** - Elba Ramalho.

**PA** - Também a voz dela. Um canta um versinho, outro canto outro, viu?

**LJ** - Você disse que a sua poesia é uma poesia social, não é? O que você acha que as pessoas ficam pensando quando escutam suas poesias? Você acha que elas entendem melhor por quê são injustiçadas?

**PA** - Bem, é porque eu digo. Senão fica pior, não é? E ai eu falo, eu não vou mencionar o nome de seu ninguém. Apenas apresento o estado do povo, não é? Na minha poesia. Minha poesia é social, como muitos dizem. Esse poema ai, que é o operário, o agregado. É um poema até com uma visão revolucionária. Quando eu chamo o camponês e o operário da cidade para se unirem, não é?

“Eu sou um poeta pobre, mas sou muito rico de comunicação, de amizade - que a maior riqueza que eu considero na vida é essa”

**LJ** - Desde que você começou a fazer versos, você sabia que a sua poesia tinha um papel social?

**PA** - Desde o começo que minha poesia é esse tema, viu? Eu fui um camarada que li muito, sabe o quê? Eu muito li foram as pregações de Jesus Cristo. Então, eu gosto muito da verdade. Eu sou um poeta muito fraterno. Eu sou um poeta pobre, mas sou muito rico de comunicação, de amizade - que é a maior riqueza que eu considero na vida é essa. E essa eu a tenho, com muita satisfação, viu?

**LJ** - Por que a opção pela poesia popular? O senhor já escreveu cordel, já foi violeiro...

**PA** - Já, já sim. Eu já cantei ao som da viola. Não fazendo profissão. Cantava por esporte, porque gostava de improvisar.

**LJ** - Por que o senhor escolheu a poesia popular?

**PA** - Mesmo quando eu cantava, eu



Já que a luz natural se adequa mais à filmagem, a entrevista aconteceu fora das dependências do Curso de Comunicação Social.

Patativa do Assaré foi o último dos entrevistados. Até ser formulada a primeira pergunta, ele pensava que ia fazer um recital.

Antes da entrevista, Patativa falou que teve uma boa viagem e que gostava da brisa de Fortaleza. "Em Assaré não tem inverno."

fazia poesia. Eu cantava, mas eu gostava de recitar poema. Poema de toda sorte que eu tinha. Olhe: "A muié qui mais amei". "Era um modelo perfeito/ A mué que mais amei./ Linda e simpate de um jeito que eu mesmo dizê não sei./ Era bela, munto bela./ Mode cumprará com ela, outra coisa eu não arranjo/ Que se anjo é mesmo bonito./ Era o retrato dum anjo/ Sei que arguém não me acredita./ Mas eu digo com razão./ Foi a muié mais bonita/ De riba de nosso chão./ Era mesmo de incomenda/ E do amô daquela prenda/ Eu fui o merecedô./ Era eu mesmo, sozinho/ Dono de todo carinho/ Daquele anjo incantadô./ Era linda essa donzela/ Só neu vivia pensando./ Quando eu oiava pra ela./ Ela já tava me oiando./ Mode a gente cunversá/ E o amô continuá/ Quando eu não ia, ela vinha/ Um do outro sempre bem perto/ Nosso amordava tão certo/ Que nem faca na bainha/ E por sorte ou por capricho./ Eu tinha prata, ôro e cobre./ Dinhero in mim era lixo/ In casa de gente pobre./ Nóis nunca perdia os ato/ De cinema e de triato? De drama e mais diversão./ não fartava coisa alguma./ As nota eu tinha de ruma/ Pra nós andá de avião/ Quando nós dois se arrumava/ E saia a passia/ O povo todo arredava/ Mode vê nós dois passá/ Cada quâ mais prazentêro/ Deste nosso mundo intêro/ Nóis dois era os mais feliz./ Vivia nas artas roda/ E só trajava nas moda/ Dos modelo de Paris/ Meu grande contentamento./ Não havia mais maiô/ E nossos dois pensamento/ Pensava uma coisa só./ ... mode dizê a verdade/ A nossa felicidade/ Já passava do limite/ Era boa a nossa sorte/ E não mudava um segundo/ Ninguém pensava na morte/ E o céu era aqui no mundo./ Na refeição nós comia/ Das mais mió iguaria/ Sem falá de carne e arroz/ E por isso munta gente ficava ringindo os dente com ciúme de nós dois/ A vida que eu desfrutei./ Mas pra quem tiver inveja/ Da mulher que eu mais amei/ Com tanta felicidade/ Eu vou dizer a verdade./ Pois não ingano a ninguém/ aquele anjinho risonho/ Eu vi foi durante um sonho/ Muié nunca me quis bem!/ A história não foi verdade./ todo sonho é mentiroso/ Aquele felicidade/ De tanto luxo e de gozo/ Sem o menô sacrifício./ Foi negócio fictício./ Não foi coisa verdadeira./ Eu fiquei dando cavaco/ 'Estes alimento fraco/ Só dá pra

sonhá bestêra./ De noite eu tinha jantado/ Um mucunzá sem tempero/ E acordei arvorçado/ Sem muié e sem dinhêro./ Ainda reparei bem/ Mode vê se via arguém/ De junto de minha rede/ Mas, invés de tudo aquilo/ Só uvi cantando os grilo/ Nos buraco das parede/ Quando acordei tava só/ Sem tê ninguém do meu lado./ Era muito mais mió/ Que eu não tivesse sonhado./ Quem já vai no fim da estrada/ Levando a carga pesada/ De sofrimento sem fim./ Doente, cansado e fraco./ Vem um sonho inchendo o saco/ Piora quem já tá ruim (Risos).

*LJ - A sua poesia é estudada na França e na Inglaterra. O que é que você acha disso?*

*PA - Hein?*

*LJ - A sua obra é estudada na França e na Inglaterra. O que é que você acha disso?*

*PA - Eu agradeço e acho que eles são inteligentes (risos). Eu agradeço.*

“Minha poesia é muito querida, é por causa da filosofia que ela encerra. Eu sou poeta da verdade, eu sempre digo a verdade”

*LJ - E você mesmo, o que é que você acha da sua obra? Como é que você avalia?*

*PA - Bem, eu sou muito simples, mas eu prezo. Meu mundo é minha família e minha poesia, viu? Eu prezo muito minha família. Me sinto muito feliz quando o ouvinte sabe interpretar e sabe sentir comigo aquilo que eu digo, aquilo que eu quero. Minha poesia é muito querida é por causa da filosofia que ela encerra. Eu sou poeta da verdade, em todos os sentidos eu sempre digo a verdade.*

*LJ - Patativa, o senhor é muito religioso, né?*

*PA - Bem, eu sou religioso, mas cada um tem a sua religião.*

*LJ - Como é a sua?*

*PA - Eu digo o quê! Digo não (Riso dos estudantes).*

“Eu creio num Deus soberano, Senhor de todas as coisas, viu? Creio no autor da natureza. E todas as religiões pra mim é boa, viu?”

*LJ - Diga! Por que, Patativa, por que não quer falar?*

*PA - Porque não quero mesmo.*

*LJ - Não gosta de missa, não?*

*PA - Eu vou à missa.*

*LJ - Todo o Domingo?*

*PA - Não. Sabe, eu creio num Deus soberano, Senhor de todas as coisas, viu? Creio no autor da natureza. E todas as religiões pra mim é boa, viu? Conforme seja o seu membro. Deus é assim como uma fonte, de uma água pura, que todos precisam daquela água, mas tem vários caminhos pra ir lá praquela fonte. Salvação é em qualquer religião, conforme seja a sua fé e sua crença.*

*LJ - Certa vez o senhor disse que a religião está muito ligada com a lutado dia-a-dia do homem. Como o senhor vê a forma como o homem nordestino encara certos mitos da Igreja? Padre Cícero, Frei Damião...*

*PA - Como é que eu vejo?*

*LJ - É, como o senhor vê. O que é que o senhor acha da forma como o homem nordestino, até com um certo fanatismo, encara o Frei Damião, Padre Cícero...*

*PA - Eu vejo com muito prazer, eu vejo com muito prazer tudo aquilo. Agora, eu não sou um fanático, viu? Mas eu, aquelas Vias Sacras, aqueles pobres que vão ao Juazeiro, aquilo pra eles são muito mais forte do que nós, muito mais. Porque eles são apoiados naquela fé. Aquele sofrimento pra eles, pra nós é um sofrimento, pra eles não é. E, por isso, eu nunca fui contra. Nun-*



ca falei contra a devoção dosromeiros. Agora, eu não faço é crer que seja milagre, mas se eles crêem, eu tô com uma coisa que é uma

“Quando me vem a inspiração pra eu fazer o poema, todo mundo vai dormir e eu fico lá sentado feito um louco na cadeira, só pensando.”

crença. Olha, quando me vem a inspiração pra eu fazer o poema, todo mundo vai dormir e eu fico lá sentado feito louco na cadeira, só pensando, fazendo estrofe e deixando retido na memória. Quem vê assim de fora vê que aquilo é louco, mas pra mim é uma maravilha. Aquilo ali tá legal, é uma beleza. Assim são eles, viu? Eu falo sobre Juazeiro, mas contando a verdade: só existe Juazeiro por causa do Padre Cícero. “Mesmo sem eu ter estudo, / sem ter do colégio o bafejo, / Juazeiro, eu te saúdo / Com o meu verso sertanejo / Cidade de grande sorte / Juazeiro do Norte / Tens a denominação, / Mas seu nome verdadeiro / Será sempre Juazeiro / Do Padre Cícero Romão. / O Padre Cícero Romão, / Que, por vocação celeste, / Foi, com direito e razão, / O apóstolo do Nordeste / Foi ele o teu protetor, / Trabalhou com grande amor, / lutando sempre de pé, / Quando vigário daqui, / Ele semeou em si / A sementeira da fé. / E com milagre estupendo / a sementeira nasceu, / Foi crescendo, foi crescendo, / Muito ao longe se estendeu / Com a virtude regada, / Foi mais tarde transformada / Em árvore frondosa e rica. / E com a luz medianeira / Inda hoje a sementeira / Cresce, flora e frutifica / Juazeiro, Juazeiro, / Jamais a adversidade / Extinguirá o luzeiro / da tua comunidade. / Morreu o teu protetor, / Porém a crença e o amor / Vive em cada coração. / E é com razão que eu me expresso: / Tu deves o teu progresso / Ao Padre Cícero Romão / Aquele ministro amado, / que tanto favor nos fez / Conselheiro consagrado / E doutor do camponês. / Con-

tradizer não podemos / E jamais descobriremos / O prodígio que ele tinha. / Segundo a popular crença / Curava qualquer doença.” Segundo a popular crença, viu? Não sou eu quem está dizendo que ele curava.

*LJ - O senhor acredita na santidade do padre, então?*

*PA - Acredito não. Eu acredito que ele foi um padre muito bom. Conselheiro virtuoso, mas fazer milagre mesmo...*

*LJ - O senhor acha que a gente tem uma missão aqui na Terra?*

*PA - Se eu tenho? Todos nós temos.*

*LJ - Qual é a sua?*

*PA - É essa que eu tô terminando, / já com 84 anos, / mas nunca mudei os planos, / eu tô na mesma atitude, / sempre poeta do povo, / velho do coração novo / que vive da juventude.*

“Acho que tá desenvolvendo sempre a cultura popular do Nordeste, em todos os sentidos. Eu me sinto feliz e tenho prestado atenção”

*LJ - Patativa, você é um expressivo representante da cultura popular. Como você vê o futuro da cultura popular, já que hoje em dia o Nordeste é tão massificado pela cultura do eixo Rio-São Paulo, aquela cultura imposta pela televisão. Neste contexto, eu queria que você fizesse uma previsão do futuro da cultura popular, especialmente da cultura nordestina.*

*PA - Bem, eu muito prezo e acho que tá desenvolvendo sempre a cultura popular do Nordeste, em todos os sentidos. Eu me sinto feliz e tenho prestado atenção e muitos estão produzindo trabalhos por aí, quer na poesia, quer na música, viu? E a cultura popular do Nordeste tá boa. É como diz o meu médico que fez esse transplante. Ele me levou pra universidade lá de Cam-*

pinas, e lá ele fez um discurso falando que a cultura de São Paulo, a cultura do sul, vinha daqui do Nordeste. Ai ele falou, falou, falou, e disse:” Eu vou provar” - e eu ao lado dele, mas ninguém sabia quem era que tava ali com aquele doutor, eu ainda não tinha nem me operado -, aí ele disse:” Olha, eu vou provar. Esse que tá aqui ao meu lado, com toda a simplicidade que vocês estão vendo,” - e o auditório danado olhando pra mim - “talvez alguém conheça o nome, esse aqui é o Patativa do Assaré”. Ai foi uma farra danada. “Ele vai apresentar aqui a cultura, ele vai falar sobre a cultura popular do Nordeste”. Ai eu recitei coisas e mais coisas, eu disse: “ Olhe, a cultura daqui de São Paulo veio do Nordeste, dos estados do Nordeste”. Ai ele falou, falou. E a gente nota que é mesmo, é as raízes... Eles levam, pegam uma coisa, ai deturpam, viu? Levam o trabalho de qualquer um caboclo desses, deturpam, mandam, empurram lá de uma forma e roubam. Tem acontecido muito comigo.

“Muita gente não sabe prezar o que é da sua própria terra. Quer esperar por uma coisa que venha lá do outro mundo”

*LJ - O senhor acha que a cultura popular, as manifestações populares tão resistindo à televisão, à modernidade?*

*PA - Eu acho que sim, poderia ser até mais, até porque muita gente não sabe prezar o que é da sua própria terra. Quer esperar por uma coisa que venha lá do outro mundo, ‘as vezes do estrangeiro. Eu nunca fui assim. Eu tive foi três oportunidades de ir a Portugal e pra Europa, mas eu nunca quis ir.*

*LJ - Por quê?*

*PA - Por quê? Porque lá não sabem eu sou, ainda mais falando o que eu nem entendo. Vem dizer uma coisa comigo, eu penso que é uma coisa boa, e tá é me desgraçando, e tá é dizendo coisa ruim. Eu não falo nem meu próprio Português, vou agora entrar nessa estranha!*

Perguntado como andava de saúde, Patativa respondeu que estava bem, mas triste com a perda gradativa da visão do olho esquerdo.

Patativa ficou cego do olho direito aos quatro anos de idade. E usa um aparelho na perna esquerda por conta de um acidente.

Enquanto era testado o microfone, Patativa fez um verso dizendo que o gravador era capaz de registrar palavras. As emoções, não.



Patativa fala e escuta com dificuldade. Várias perguntas tiveram que ser reformuladas por uma das alunas que estava a seu lado.

Patativa é o próprio retrato do homem nordestino: baixinho, mãos calejadas, rosto marcado pelo sol, tem a simplicidade na alma.

Atualmente Patativa vive de uma pensão que recebe do *Fundo de Assistência Rural* (Fundo de Assistência Rural) e da venda de seus livros e discos.

**LJ** - Na sua opinião, qual a diferença entre fazer poesia popular, cordel ou ser violeiro?

**PA** - Não, cantando assim, viu? Olha, meu Assaré, Assaré, viu? Cantando meu próprio Assaré: "Assaré, meu Assaré!/ Terra do meu coração!/ Sempre digo que tu é/ A terra mió do chão/ Me orgüio quando me lembro/ Que tu também é um membro/ Do valente Ceará./ Pra mim, que te adoro tanto./ Te jurgo o mió recanto/ Da terra de Juvená/ Foi aqui, foi nesta serra de Santana, onde eu nasci/ Que d'água da tua terra a premêira vez bebi/ Nesta serra, eu pequinino./ No meu vivê de menino/ Tão inocente, tão puro/ Dei as premêira passada/ Triando as tua estrada/ No rumo do meu futuro./ Eu sou um dos teus cabôcos/ Que toda vida te quis/ Eu não invejo nem pouco/ O resto do meu País/ Eu aqui tô sussegado./ No teu seio incalocado/ De tudo eu gozo contente/ Do crime, saúde franca/ Da noite, uma lua branca/ Do dia, o só respresente/ Tanto te quero e dou parma./ Que às veis à lembrança vem/ Que tu tem corpo e tem arma/ Como toda gente tem./ Quando eu saio da paioça/ Mode trabaiá na roça./ Prantando mio e feijão./ Eu intê penso que peço/ Em batê meu enxadeco/ Em riba deste teu chão./ Não quero que chegue a hora/ Deu de tu me separá./ Pra sai de mundo afora/ Cumo cigano sem lá./ Se aqui foi meu nascimento/ Te juro, digo e sustento/ Que é de viver sempre aqui/ Do sertão intê na serra./ No punhadinho de terra/ Do nosso grande Brasi/ Quero a minha vida intêra/ Aqui te vendo e te amando./ E não é de brincadêra o que eu te juro cantando./ Quando na viola toco./ Que não te dou nem te troco/ Por terra de seu ninguém/ Quero é que Deus me dê vida/ Uma vida bem cumprida/ Pra gozâ do que tu tem...

**LJ** - Você já fez cordel, já foi violeiro e é poeta. Qual a diferença entre os três?

**PA** - Não tem diferença nenhuma. Viveu aqui em Fortaleza um grande poeta, e foi meu grande amigo e foi violeiro também. E ele quando era violeiro era como eu fazia os mesmos poemas. Rogaciano Leite (pai do recém-falecido jornalista e poeta cearense Rogaciano Leite Filho), pemambucano. Viveu aqui em Fortaleza. Aqui eu acho até que tem uma rua com o nome dele. Foi um

grande poeta, meu amigo íntimo.

**LJ** - Quer dizer que não tem diferença dos três?

**PA** - Tem não. Não tem diferença, não. A diferença que tem é porque muitos violeiros não sabem fazer poema, eles cantam ao som da viola. Mas é a mesma coisa. Olha, o Rogaciano Leite foi um cantor de viola e foi também um grande poeta. Tem muita poesia bonita. Eu também fui um violeiro e assim por diante. Tem esse Otacilio Batista, é um violeiro, ainda hoje ele anda cantando por aí, tem cordel, tem também livro publicado.

**LJ** - E o cordel?

**PA** - Olha, o cordel é porque antigamente era feito aquele folhetinho, aí amarrava num cordão. Nós chamava poesia de cordel a poesia de cordão. E é feita sempre em sextilho, viu? Eu também tive cordel.

**LJ** - Você não escreve mais cordel?

**PA** - Não. Nunca mais escrevi cordel. Escrevo por curiosidade. O derradeiro cordel que eu escrevi foi "A Morte do Padre Antônio Henrique, o dragão da maldade". Lá no Recife, quando assassinaram o padre Antônio Henrique, aquele padre muito jovem que foi assassinado. Dom Hélder escreveu pra mim. Aí eu reproduzi o verso contando toda a história, com o título: "Padre Antônio Henrique, O Dragão da Maldade". E Dom Hélder foi quem publicou, naquele meu livro "Ispinho e Fulô", conhecem?

"Lembrei das  
classes pobre, média  
e rica e apliquei:  
classe pobre,  
Inferno; classe  
média, Purgatório; e  
classe rica, Paraíso"

**LJ** - Conheça.

**PA** - Pois dentro daquele livro tem cordel. Pronto. Agora nós já vamos, já (dirigindo-se ao amigo e cineasta Rosemberg Cariry)?

**LJ** - Não, ainda falta um bocado de

papo ainda. Agente gostaria que o senhor dissesse qual o momento da sua poesia que o senhor acha mais importante, que mais marcou?

**PA** - Eu não sei nem dizer, porque são tantas que eu quero. Aquilo é como a família da gente. Mas vocês procurem no "Cante lá que eu Canto cá" que tem um poema de cunho social, é o "Purgatório, o Inferno e o Paraíso". Um latinista me mandou do Rio de Janeiro esse título: O Purgatório, o Inferno e o Paraíso, para que eu criasse um poema dentro daquele título. Queria saber o que é que eu ia inventar com aquele título. Então, eu fiquei encabulado, ele um homem de muita cultura, mas muito admirava meus versos, meu pensamento, e minha poesia. Aí eu pensei, pensei, e não lembrei. Já tava noite, quando eu já tava deitado eu lembrei-me das três classes: pobre, média e rica, e aí apliquei: classe pobre, Inferno; classe média, Purgatório; e classe rica, Paraíso. Purgatório, Inferno e Paraíso. Aí fiz o poema: "Pela estrada da vida nós seguimos./ Cada qual procurando melhorar./ Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos./ Desejamos, na mente, interpretar./ Pois nós todos na terra possuímos/ O sagrado direito de pensar./ Neste mundo de Deus, olho e divisivo/ O Purgatório, o Inferno e o Paraíso./ Este Inferno, que temos bem visível/ E repleto de cenas ternura./ Onde nota-se o drama triste e horrível/ De lamentos e gritos de loucura/ E onde muitos estão no mesmo nível/ De indigência, desgraça, e desventura./ É onde vive sofrendo a classe pobre/ Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre.../ É o Inferno, em plano inferior/ Mas em cima é que fica o Purgatório./ Que apresenta também sua comédia/ E é ali onde vive a classe média./ Esse ponto também tem padecer./ Porém seus habitantes é preciso/ Simularem semblantes de prazer./ Transformando a desdita num sorriso./ E agora, meu leitor./ Nós vamos ver./ Mais além, o bonito Paraíso./ Que progride, floresce e frutifica./ Onde vive gozando a classe rica./ Este é o Éden dos donos do poder./ Onde reina a coroa da potência./ O Purgatório ali tem que render/ Homenagem, Triunfo e Obediência./ Vai o Inferno também oferecer/ Seu imposto tirado da indigência/ Pois no mastro tremula./ A todo instan-



No final da entrevista, oferecemos salgadinhos a Patativa. Ele disse que não precisava. Colocamos a seu lado, e ele acелtou.

O magnetismo do poeta atraiu jornalistas curiosos ao local da entrevista, pontuada pelo ruído de motores e conversas paralelas.

A entrevista foi realizada nos jardins da Secretaria de Cultura. Estavam presentes repórteres da TVC e do jornal "O Povo".

te./ A bandeira da classe dominante...

*LJ - O senhor é uma pessoa que lê muito, né? Por quê o senhor fez a grande maioria dos seus versos no linguajar do povo mesmo, escrevendo errado, na linguagem do matuto?*

*PA - Esse poema?*

*LJ - Não, esse não. Mas vários poemas o senhor fez escrevendo errado na linguagem do matuto. Porque o senhor resolveu fazer assim?*

*PA - Não, é porque são duas Escolas. Num já leu Catulo da Paixão Cearense, não?*

*LJ - Li.*

*PA - Catulo da Paixão Cearense, a poesia dele toda é matuta.*

*LJ - É.*

*PA - "Muié", em vez de mulher, "mió", em vez de melhor. Pois bem, é uma Escola que nós temos, e eu cito as duas. Faço a poesia em forma literária, que é esse poema: "Purgatório, Inferno e Paraíso". É feito com muito cuidado, com muito carinho, viu? E contando também as diferenças. Porque, quando eu quero fazer a poesia matuta, eu faço assim: "...Tudo que procuro acho./ Eu pude vê neste crima./ Que tem o Brasi de baxo/ E tem o Brasi de cima./ Brasi de baxo, coitado!/ É um pobre abandonado./ O de cima tem cartaz/ Um do ôtro é bem diferente./ Brasi de cima é pra frente./ Brasi de baxo é pra traz..."*

**"Chegou o tempo que eu tinha que me casar, foi a pessoa que eu quis. Belinha é a maior doutora que eu encontrei na história, viu?"**

*LJ - O senhor já fez versos sobre muitas coisas. O senhor já fez versos pra conquistar a d. Belinha na época em que namorava com ela? Como foi que o senhor conheceu a*

*d. Belinha?*

*PA - Ora, a mesma terra, uma légua. Era uma légua da minha. Dava pra ver onde morava a mãe dela, viu? A gente não sabe com quem vai casar. E Belinha eu conheci desde bem nova, viu? Então, eu nem pensava. Quando chegou o tempo que eu tinha que me casar, foi a pessoa que eu quis. Belinha é a maior doutora que eu encontrei na história, é aquela mulher, viu? E é uma analfabeta, mas foi a maior doutora que eu encontrei no mundo.*

**"Ela foi trabalhadora de farinha. Ela era rapadeira, era lavadeira em goma. Era uma mulher muito simples. Era uma camponesa"**

*LJ - Por quê?*

*PA - Por quê? Porque ela é uma dona de casa que resolve tudo. E que confia no marido. Nunca teve ciúme de mim. Toda vez eu recebia manifestação de moça, de muié, de menino, de homem, de tudo. Por causa da poesia, né? Mas se fosse uma mulher com uma índole diferente, com um gênio diferente, tinha logo era ciúme, nera?*

*LJ - Era.*

*PA - Pois ela tinha prazer. Todo mundo gostava de mim, viu? E hoje ela está lá, inválida. Dois anos e sete meses numa cama pruma cadeira de roda.*

*LJ - O senhor acha que ela gostou do senhor por causa da poesia?*

*PA - Gostou.*

*LJ - Foi por causa disso que ela gostou do senhor? Foi com a poesia que o senhor conquistou a sua mulher?*

*PA - Foi nada, menina!*

*LJ - Como foi que o senhor a conquistou?*

*PA - É porque... Eu não sei não (Risos)!*

*LJ - O senhor era bonito?*

*PA - Eu fui... Desde menino eu tenho o apelido de "sinhôzinho" lá na minha própria terra. É tanto que ela nunca me tratou de outra forma. Ela foi trabalhadora de farinha, viu? Aquela farinha que a gente trabalhava... Ela era rapadeira, era lavadeira em goma. Era uma mulher muito simples. Era uma camponesa.*

*LJ - E o que foi que o senhor gostou nela?*

*PA - Eu?*

*LJ - Sim. Quando a viu pela primeira vez.*

*PA - Eu gostava dela porque não era moça namoradeira (Risos).*

*LJ - O senhor não gosta de moça namoradeira, não?*

*PA - (Ele ri.) Não, gostava não! Namorava comigo, viu! (Risos) Com outro não!*

*LJ - O senhor teve muitas namoradas?*

*PA - Eu... Não sei se era namorada não, mas amigada tinha, que eu não sou baitôla.*

*LJ - Patativa, o seu casamento com a d. Belinha já passou dos 50 anos.*

*PA - É o quê?*

*LJ - O seu casamento com a d. Belinha já ultrapassou o estágio dos 50 anos. O que é que leva a uma relação durar tanto tempo? É respeito, ou teriam mais "ingredientes" nessa relação?*

*PA - Olhe, nós estamos... Nosso casamento foi em 1936. Tá com cinquenta e tantos, né (Lunga pausa)?*

*LJ - O senhor se emociona em falar na d. Belinha, Patativa?*

*PA - Hum?*

*LJ - Tá emocionado de falar dela?*

*PA - Quero o quê?*

*LJ - Você está emocionado de falar em sua esposa?*

*PA - Emocionado?*

*LJ - Hum.*

*PA - De quê? Por quê?*

*LJ - De falar de sua esposa, de sua vida com ela, sua relação.*

*PA - Não. Olha, a nossa vida é uma vida de camponês simples. Ela trabalhava de roça com a gente, comi-*



Depois da entrevista, Patativa pediu para acender um cigarro e disse à repórter de "O Povo" que fumava escondido desde menino.

A realização dessa entrevista só foi possível com o apoio das Secretarias de Cultura do Estado e do Município de Barbalha.

go, viu? Eu fui agricultor. Eu saí de Serra de Santana já com 70 anos. Por mim eu estaria vivendo ainda lá na Serra. Só saí dali por causa do estudo dos meus netos. Aí fui morar na cidade.

**LJ - Qual a cidade, Patativa? Assaré mesmo?**

**PA -** Sim, a cidade do Assaré. Eu nasci distante da cidade 18km, num sítio denominado Serra de Santana. E saí dali já com 70 anos por causa dos meus netos. Meus filhos não podiam ir pra cidade. Aí eu fui pra cidade pros meninos poderem estudar.

“Eu sempre fui contra aquele que quer dar mais valor ao bebê quando é homem do que à filha, que é menina. Toda vida fui contra”

**LJ - Quantos filhos o senhor tem? Fale um pouco sobre os seus filhos.**

**PA -** Sete filhos. Eu tenho três filhas que são três anjos. Porque, com essa doença de minha esposa - que ela tá inválida -, uma vem e passa a semana com ela. Depois, na outra... São três, né? Lúcia, Inês e Miriam. Todas vivendo na maior harmonia. Todas três são casadas, viu? A felicidade minha e de Belinha são aquelas três filhas. Eu sempre fui contra aquele que quer dar mais valor ao bebê quando é homem do que à filha, que é menina. Toda vida fui contra. E vejo aí que se não tivesse aquelas três filhas, minha mulher já tinha era morrido. Ninguém suportava! Aí eu digo no meu poema: “Minhas filhas/ Eu vejo que são três/ E cada qual é da Beleza irmã/ Se eu quero Lúcia/ Muito quero Inês/ Da mesma forma/ Eu quero Miriam./ Vendo a meiguice da primeira filha/ Vejo a segunda que me prende e encanta/ A mesma estrela

que reluz e brilha/ Se olho a terceira, vejo a mesma santa/ Já que cada uma com fervor venero/ Fico confuso sem saber das três/ Qual a mais linda/ E qual a mais eu quero/ Se é Miriam, se é Lúcia ou se é Inês./ E já velho/ Apesar de quando em quando/ E brevemente eu voltarei ao pó/ Eu sou feliz e morrerei pensando/ Que as três filhas que eu tenho é uma só.”

“Medo? Não, não tenho medo, não! Agora, eu tenho medo de andar num carro que o motorista se embriaga.”

**LJ - Patativa, o senhor tem medo de morrer? O senhor tem medo da morte?**

**PA -** Hein?

**LJ - O senhor tem um poema que fala: “Leva-me, ó Morte, para o teu país/ que o poeta só pode ser feliz/ recebendo primeiro o teu abraço”...**

**PA -** É, sim! Pois é, eu não tenho medo da morte, não! E é mesmo!

**LJ - E por quê o senhor não quis vir pra cá de avião (embora tenha sido oferecido um jatinho para buscá-lo em Assaré, Patativa preferiu vir de carro)?**

**PA -** Porque não precisa disso. Pra quê, né? Pra ir de avião eu vou pra São Paulo. Porque quase todo dia eu dou palestra em São Paulo.

**LJ - Mas o senhor tem medo de avião?**

**PA -** Não. Eu acho é bom. Tenho menos medo que em carro.

**LJ - E o que é que lhe mete medo na vida?**

**PA -** Medo?

**LJ - O que é que lhe mete medo na vida?**

**PA -** Medo? Não, não tenho medo de nada não! Agora, eu tenho medo de andar num carro que o motorista se embriaga (Risos). Eu tenho medo. “A coisa pior do mundo/ é o carro fora da pista/ correndo doído sem freio, / o chofer curto da vista/ e os nêgo dentro gritando: - Atola o pé, motorista!” (Risos).

**LJ - E a sua Infância? O que é que marcou a sua Infância?**

**PA -** Hum?

“Eu me considero feliz. Feliz mesmo! Porque eu sempre fiz aquilo que eu gostava.”

**LJ - Fale um pouco pra gente da sua Infância. Quando o senhor era criança.**

**PA -** O que foi que marcou... (pensativo)?

**LJ - É. A morte do seu pai marcou?**

**PA -** Quando meu pai faleceu - meu pai faleceu com 42 anos, bem novo -, eu só tinha nove anos. Não foi sofrimento porque a criança não sabe nem... Criançinha, inocente, tudo pra ela ela tá é rindo, gostando. Tendo alimento, tá bom! Eu me considero feliz. Feliz mesmo! Porque eu sempre fiz aquilo que eu gostava.

**LJ - Patativa, agora a gente vai terminar a entrevista. O senhor já falou demais, deve estar cansado, né? Então, a gente queria agradecer você ter vindo lá de Assaré pra dar essa entrevista pra gente. Espero que o senhor tenha gostado!**

**PA -** Já tá terminando?

**LJ - Terminou já.**

**PA -** Que bom! Melhor. É porque ainda viajo hoje, viu? (Patativa volta no mesmo dia a Assaré)

**LJ - Tá cansado?**

**PA -** Não!